



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ANA CAROLINE FAGUNDES DUPONT

OS PROCESSOS SEMÂNTICOS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA HOUAISS

Palmas - TO
2023

ANA CAROLINE FAGUNDES DUPONT

OS PROCESSOS SEMÂNTICOS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA HOUAISS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Tocantins - Campus Palmas
como requisito parcial para aprovação no curso de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso
Dias.

PALMAS - TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

D938p Dupont, Ana Caroline Fagundes
Os processos semânticos na perspectiva da Gramática Houaiss /
Ana Caroline Fagundes Dupont. – Palmas, TO, 2023.
50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientadora: Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Gramática. 2. Houaiss. 3. Processos semânticos. I. Dias, Ana
Lourdes Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

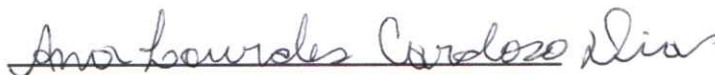
**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**

OS PROCESSOS SEMÂNTICOS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA HOUAISS

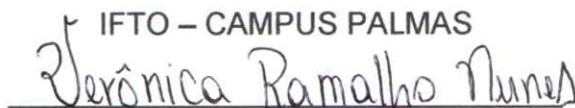
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado
ao Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas,
como requisito parcial para aprovação no curso de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias.

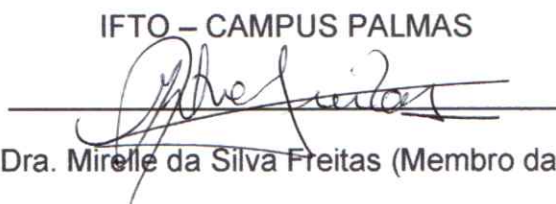
Aprovado em: 31/01/2023.



Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias (Presidente)

IFTO – CAMPUS PALMAS


Profa. Dra. Verônica Ramalho Nunes (Membro da Banca)

IFTO – CAMPUS PALMAS


Profa. Dra. Mirelle da Silva Freitas (Membro da Banca)

IFTO – CAMPUS PALMAS

PALMAS

2023

A meu esposo, a meu filho e à minha mãe,
minhas motivações diárias.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me dar saúde, força e persistência para concluir essa longa caminhada em minha vida.

Ao meu esposo, André Borges, pelo constante apoio, companheirismo, paciência e principalmente por ser o meu alicerce no decorrer de todo esse processo.

Ao meu filho, Miguel Dupont Borges, por toda compreensão em minhas ausências. Você é a minha motivação diária para nunca desistir!

À minha mãe, Marilaine Fagundes, meu exemplo de garra e persistência. Obrigada por me dar a mão sempre que tropecei pelo caminho.

Ao meu pai, Luis Carlos Dupont, por se fazer presente em minha vida, me dando o apoio necessário.

Ao meu irmão, minha cunhada e meus sobrinhos, por todo apoio e incentivo.

Aos meus amigos do IFTO, vocês fizeram meu percurso acadêmico mais leves e felizes.

À minha orientadora, Ana Lourdes Cardoso Dias, pela paciência e compreensão, por todos os conhecimentos compartilhados, pelo apoio e sabedoria.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Letras por todos os ensinamentos, vocês foram a principal base para minha formação profissional.

Agradeço às professoras Mirelle Freitas e Verônica Ramalho por aceitarem contribuir com o meu trabalho.

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

(Carl Jung)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender de que maneira os processos semânticos são apresentados na gramática Houaiss, além de identificar quais propostas teóricas José Carlos de Azeredo utiliza para tratar esses processos. Foram analisadas de que forma a polissemia, a homonímia, a metáfora, a metonímia, a ambiguidade, a sinonímia e a antonímia foram tratadas por Azeredo (2018) em sua gramática, comparando com as teorias dos principais semanticistas, além de refletir qual a importância desses processos serem inseridos dessa forma na obra. Este estudo é de natureza básica, de abordagem qualitativa e com objetivo interpretativo. Como base teórica para o estudo, utilizamos Neves (2002, 2011), Antunes (2007), Leite (2007) e Martelotta (2011) para apresentarmos um apanhado histórico e as concepções de gramática; Academia Brasileira de Letras, Gens (2000), Filho, Editorial, Instituto Houaiss e Escavador a fim de expormos sobre a biografia e contribuições de Antônio Houaiss e José Carlos de Azeredo. Guiraud (1980), Henriques (2011), Cançado (2008, 2012) e Cançado e Amaral (2016), Ilari (1987), Borba (2005), Polguère (2018), Ilari (2001) e Ilari e Geraldi (1987) com o intuito de apresentar sobre a semântica e os processos semânticos. A partir da pesquisa, percebe-se que a Gramática Houaiss se alinha a diversas concepções de gramáticas, englobando princípios do Estruturalismo, do Funcionalismo, da Linguística Textual, da Sociolinguística, dentre outras, ao considerar os usos da língua, utilizar textos, diálogos e situações cotidianas para abranger a norma-padrão da língua portuguesa, além de alinhar-se aos conceitos dos principais teóricos da Semântica no Brasil. A abordagem Semântica utilizada foi a da Semântica Lexical, realizando um estudo da relação que as palavras possuem na língua, preocupando-se em relacionar a língua com os processos cognitivos e mentais do falante e os considerando primordiais à linguagem humana. Por fim, a gramática torna-se importante pois trata-se de um material de consulta imprescindível, principalmente a professores, pois ao inserirem tais perspectivas em suas aulas de Língua Portuguesa, estarão abrangendo a morfologia, a sintaxe, a fonologia, a semântica, as práticas sociais e cognitivas que envolvem o discurso, capacitando os alunos a fazerem o uso da linguagem para responder às demandas sociais de maneira reflexiva quanto aos recursos linguísticos de construção de sentido, compreendendo enunciados significativos em contextos reais de uso da língua.

Palavras-chave: Gramática; Houaiss; Processos Semânticos; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This paper aims to understand how the semantic processes be presented in the Houaiss grammar, in addition to identifying which theoretical proposals José Carlos de Azeredo uses to treat these processes. How Azeredo (2018) treated polysemy, homonymy, metaphor, metonymy, ambiguity, insert synonymy and antonymy in his grammar, comparing with the theories of the main semanticists, in addition to reflecting on the importance of of these processes in this way in the work. This study is of a basic nature, with a qualitative approach and with an interpretative objective. As a theoretical basis for the study, we used Neves (2002, 2011), Antunes (2007), Leite (2007) and Martelotta (2011) to present a historical overview and the conceptions of grammar; Academia Brasileira de Letras, Gens (2000), Filho, Editorial, Instituto Houaiss and Escavador in order to present the biography and contributions of Antônio Houaiss and José Carlos de Azeredo. Guiraud (1980), Henriques (2011), Cançado (2008, 2012) and Cançado and Amaral (2016), Ilari (1987), Borba (2005), Polguère (2018), Ilari (2001) and Ilari and Geraldi (1987) in order to present about semantics and semantic processes. From the research it prevailed that the Houaiss Grammar aligns with the various conceptions of grammars, encompassing principles of Structuralism, Functionalism, Textual Linguistics, Sociolinguistics, among others, when considering the uses of language, using texts, dialogues and continuous to cover the standard norm of the Portuguese language, in addition to aligning itself with the concepts of the main theorists of Semantics in Brazil. The Semantic approach used was that of Lexical Semantics, carrying out a study of the relationship that words have in the language, concerned with relating the language with the cognitive and intelligent processes of the speaker and considering them primordial to human language. Finally, grammar becomes important because it is a material for face-to-face consultation, mainly for teachers, because by inserting such perspectives in their Portuguese Language classes, they will be covering morphology, syntax, phonology, semantics, the social and cognitive practices that involve discourse, enabling students to use language to respond to social demands in a reflective manner regarding linguistic resources for constructing meaning, including statements experienced in real contexts of language use.

Keywords: Grammar; Houaiss; Semantic Processes; Portuguese language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS DE GRAMÁTICA.....	11
1.1 O que é gramática?.....	11
1.2 As concepções teóricas das gramáticas.....	12
1.3 O ensino de gramática no Brasil.....	17
CAPÍTULO 2: HOUAISS E AZEREDO: UMA PARCERIA DE ÊXITO.....	19
2.1 Antônio Houaiss.....	19
2.2 José Carlos de Azeredo.....	21
2.3 A gramática Houaiss.....	22
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	26
CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A SEMÂNTICA NA GRAMÁTICA HOUAISS.....	29
4.1 Os processos semânticos: Gramático versus Semanticistas.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Definir o que é gramática é algo complexo, visto que se trata de um conceito que possui múltiplos sentidos e depende de qual perspectiva, qual momento histórico e também de qual noção se quer estudar dentre as múltiplas lições que uma gramática da língua pode oferecer. O presente trabalho analisa as diferentes concepções de gramática, a trajetória do ensino de gramática escolar no Brasil, discorre sobre a semântica e realiza uma análise da gramática Houaiss, percebendo as concepções e teorias que estão presentes na Gramática Houaiss de José Carlos de Azeredo. Para isso, a pesquisa será de natureza básica, de cunho qualitativo, para analisar e compreender de que maneira os processos semânticos são expostos na Gramática e se esses processos se alinham aos conceitos dos principais linguistas da Semântica.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo apresentar como os processos semânticos são tratados na Gramática Houaiss, bem como refletir sobre esses processos, quais as abordagens estão alinhadas à gramática e quais as propostas teóricas são utilizadas para o seu desenvolvimento, considerando o percurso histórico de estudos da língua portuguesa.

Dado isso, esta pesquisa procura responder algumas perguntas centrais, a saber: de que maneira Azeredo traz os processos semânticos na Gramática Houaiss? Os processos semânticos na Gramática estão alinhados às concepções dos principais teóricos da Semântica? Qual a importância desses processos estarem inseridos nessa Gramática para a formação de indivíduos reflexivos?

Tendo a pesquisa analisado os processos semânticos na Gramática Houaiss, sua importância, a hipótese levantada por esta pesquisa é que esta Gramática, apesar de expor a norma-padrão da Língua Portuguesa, traz a sistematização da língua de uma maneira mais funcionalista, considerando os processos semânticos, sociais e cognitivos, de forma alinhada aos principais teóricos semanticistas. Dessa forma, o professor de Língua Portuguesa, utilizando a gramática Houaiss como material de apoio, poderá aplicar uma metodologia que capacite os estudantes a refletir sobre os sentidos das diversas leituras que os rodeiam em seu dia a dia, percebendo que a língua é repleta de intencionalidades e que determinadas palavras pode trazer uma amplitude de significações para um texto/discurso.

Esta proposta de pesquisa se justifica dado o interesse no estudo de Gramáticas e da Semântica, além da importância que essa Gramática possui para os

professores de Língua Portuguesa. Assim, ao ter contato com materiais de estudo como a Gramática Houaiss, os professores podem refletir sobre a importância que a semântica possui para a aprendizagem da Língua Portuguesa como um todo, expondo que a interpretação de textos vai além da morfologia e da sintaxe. Assim, através do estudo de materiais como a Gramática Houaiss, é possível capacitar os indivíduos a ler, escrever e interpretar discursos, explorando os sentidos explícitos e implícitos de um texto através de um estudo contextualizado com a realidade.

Ademais, no que diz respeito ao objetivo geral, essa pesquisa busca compreender os processos semânticos e quais as propostas teóricas inseridas para tratar desses processos na Gramática Houaiss. Em vista disso, os objetivos específicos são: Constatar a relevância de Azeredo e Houaiss para os estudos linguísticos; realizar um apanhado sobre o percurso da história e as concepções de gramática, abrangendo as abordagens semânticas; identificar os processos semânticos presentes na Gramática Houaiss e ponderar sobre a importância desses processos serem inseridos nas gramáticas para a formação de indivíduos reflexivos.

Esse trabalho foi organizado em 4 capítulos, no primeiro, é esclarecido sobre o que é gramática, realizando um apanhado histórico da gramática e exemplificado suas concepções teóricas. No segundo, é apresentada a biografia e as contribuições de Antônio Houaiss e José Carlos de Azeredo, além de constar um resumo sobre a Gramática Houaiss. No terceiro capítulo, é exposto a metodologia, no quarto, é feita a análise e discussão sobre a Semântica na Gramática Houaiss, expondo os processos semânticos na concepção de Azeredo e da concepção de semanticistas. Após, são feitas as considerações finais do trabalho e logo após são apresentadas as referências utilizadas.

CAPÍTULO 1. CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS DE GRAMÁTICA

O presente capítulo apresenta uma discussão sobre o que é gramática, quais as concepções teóricas de gramática e, em seguida, realiza um apanhado do ensino de gramática no Brasil, traçando um percurso desde a construção de um padrão de língua no Brasil, até o ensino atualmente.

1.1 O QUE É GRAMÁTICA?

As discussões a fim de encontrar uma definição conceitual de gramática são inúmeras, porém, entender que não há como obter apenas um conceito é necessário, visto que a palavra possui uma multiplicidade de sentidos. Assim sendo, Neves (2011) traz essa discussão em seu livro “Que gramática estudar na escola?”, expondo as diferentes concepções de gramática que pode se tratar de um sistema geral de regras e normas que padronizam e organizam determinada língua, ou da ciência que estuda os sistemas dessa língua, como exemplo a gramática histórica, que estuda os fatos e o desenvolvimento de uma língua.

Do mesmo modo, Martelotta (2011) considera gramática o conjunto de interpretações e descrições do funcionamento da língua e descreve o termo com dois principais sentidos: o primeiro, designa-se ao funcionamento da língua, ao conjunto e à natureza dos elementos que compõem uma língua. Já o segundo sentido, trata-se dos modelos teóricos criados pelos cientistas para que o funcionamento da língua seja explicado, como exemplo, temos a gramática tradicional, a gramática histórico-comparativa dentre outras que, para o autor, referem-se a esse segundo sentido.

Ademais, Neves (2011) enfatiza que o conceito de gramática não pode ficar em um conceito apenas, ela depende de qual perspectiva, qual momento histórico e também de qual noção se quer estudar dentre as múltiplas lições que uma gramática da língua pode oferecer. Assim, a autora traz um resumo das principais perspectivas:

[...] no modelo normativo puro, a gramática como o conjunto de regras que o usuário deve aprender para falar e escrever corretamente a língua; no modelo descritivo ou expositivo, a gramática como um conjunto que descreve os fatos de uma dada língua; no modelo estruturalista, a gramática como descrição das formas e estruturas de uma língua; no modelo gerativo, a gramática como o sistema de regras que o falante aciona intuitivamente ao falar ou entender sua língua; e assim por diante (NEVES, 2011, p. 29).

Portanto, existem diferentes perspectivas para o entendimento do conceito, ou podemos falar sobre o funcionamento da língua, o conjunto de elementos que compõem a língua ou sobre determinado modelo teórico criado para explicar determinado funcionamento. Para se referir a um modelo específico, precisa selecionar qual noção se quer estudar, visto que cada uma das perspectivas focam em determinado elemento e período histórico vivenciado.

Dessa forma, Neves (2011) esclarece brevemente os principais modelos de gramática e quais seus principais objetivos, ficando perceptível do que trata cada modelo. Desde o modelo de prescrição até os modelos que consideram os usos da língua, a autora realiza tal apanhado, sustentando que todas as concepções tratam de gramáticas, inclusive as que consideram as variações linguísticas.

Já Antunes (2007) classifica gramática em cinco perspectivas, sendo a primeira um conjunto de regras que abrangem os usos da língua, portanto, definindo o funcionamento da língua, a segunda como um conjunto de regras que regulam o uso da língua, mas que desconsidera a realidade. A terceira estuda os fatos da linguagem, tendo caráter científico, a quarta trata-se de uma disciplina de estudo, a que se tem nas escolas e por último, a gramática como um manual, que pode ser tanto normativo, quanto descritivo.

Sendo assim, percebendo as conceituações citadas acima, nota-se que há vários sentidos ao se falar sobre gramática e pode se tratar de diversos assuntos, dependendo do contexto. Tendo em vista a complexidade de tal definição, no decorrer dos próximos tópicos será realizado um apanhado das principais concepções de gramática que são encontradas em alguns manuais de linguística e língua portuguesa e por fim, será elaborado um breve histórico do ensino de gramática que sistematiza o estudo da língua no Brasil.

1.2 AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DAS GRAMÁTICAS

Para que se compreenda os vários manuais de gramática e/ou às teorias aplicadas aos estudos das línguas, será apresentada a seguir uma breve contextualização das principais abordagens que fundamentam os trabalhos em gramática da Língua Portuguesa. A primeira delas é a concepção de gramática tradicional. Essa abordagem encontra-se aplicada na gramática normativa ou

gramática escolar, a qual normalmente nos deparamos na escola e a seguimos a fim de atingir o uso mais próximo da norma-padrão sistematizada da língua.

Tratando-se da história da gramática tradicional e da disciplina gramatical, Leite (2007) afirma que surgiram com os filósofos gregos e podem ser divididas em três etapas: a primeira, com Aristóteles que enfatiza as relações semânticas e as ligações entre palavras, nomes e o conteúdo. Na segunda etapa, com Platão que trata do enunciado e da proposição e na última etapa, com Aristóteles que formula a teoria das partes do discurso, sendo eles: nome, verbo, junção e membro articulatório. Desse modo, os gregos foram os primeiros a interessar-se pela linguagem como uma manifestação da vida humana, buscando responder perguntas sobre as funções da linguagem, de que forma ela funciona, sua origem e explicações para os fenômenos das experiências diárias da língua.

Em relação à estrutura da gramática tradicional, pode-se citar a *grammatiké* de Dionísio Trácio que, de acordo com Neves (2002), é considerada a primeira gramática do Ocidente e foi criada para a preservação da cultura helenística, transmitindo o patrimônio literário grego. Dessa forma, houve a necessidade da criação de padrões da linguagem, considerando a quantidade de textos literários existentes.

O manual de Dionísio Trácio oferece um recorte dos elementos da língua, assemelhando-se com o modelo gramatical utilizado até os dias atuais. Além de Trácio, Neves (2002) destaca outra contribuição relevante na história da gramática tradicional, as obras de Apolônio Díscolo: *Do pronome*, *Das conjunções*, *Dos advérbios* e *Da sintaxe*. A autora acredita que a intenção de Apolônio era obter uma obra de sistematização completa, englobando praticamente todos os fatos da língua e que o diferencial do gramático foi o foco no tratamento com a sintaxe. Assim, as gramáticas de Díscolo e Trácio são as bases que desencadearam a atual gramática tradicional.

Além disso, Leite (2007) esclarece que a gramática tradicional foi sendo construída através de um ajuntamento da linguagem oral e de um vasto número de textos literários, chegando então a um sistema de padronização da língua com o propósito de unificá-la, sistematizando o uso falado e escrito. Tal sistema, para Neves (2002), estabelece a norma culta, organizando regras que objetivam a padronização, além de estabelecer o que está correto ou não na língua.

Antunes (2007), tratando da gramática tradicional, ressalta que:

[...] a gramática é particularizada, ou seja, não abarca toda a realidade da língua, pois contempla apenas aqueles usos considerados aceitáveis na ótica da língua prestigiada socialmente. Enquadra-se, portanto, no domínio normativo, no qual define o certo, o como deve ser da língua e, por oposição, aponta o errado, o como não deve ser dito (ANTUNES, 2007, p.30).

Dessa maneira, percebe-se então que a gramática normativa é restrita e de certa forma impositiva ao expor um conjunto de regras e listas daquilo que deve ser seguido rigorosamente. Com isso, tudo que foge da norma, é considerado errado e é desprestigiado, tanto na fala, quanto na escrita, o que gera inúmeras discussões sobre o ensino de língua portuguesa e se esse ensino é realmente eficaz ao restringir-se apenas à Gramática Normativa. Como exemplo de Gramática Normativa/Tradicional, tem-se na Gramática Normativa de Rocha Lima, Novíssima Gramática da língua portuguesa de Domingos Paschoal Cegalla e outros, além do seu conteúdo aplicado na maioria dos livros didáticos de Língua Portuguesa.

A segunda teoria da gramática é a Histórico-Comparativa que surge na metade do século XIX, na Alemanha. Segundo Martelotta (2011), a nova tendência tinha como proposta comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum para identificar a estrutura original da língua “mãe”. O autor destaca que tal curiosidade se desencadeou ao serem observadas semelhanças entre o sânscrito, a língua antiga da Índia, o latim, o grego e várias outras línguas europeias. Esse interesse se inicia no século XVIII com o filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Von Leibniz que busca analisar a estrutura das diferentes línguas e a necessidade da realização de estudos comparativos.

Além disso, Martelotta (2011) afirma que não só as semelhanças entre as palavras chamavam a atenção dos cientistas comparatistas, mas principalmente o fato das línguas apresentarem regularidade e sistematicidade, deixando de lado a perspectiva filosófica ou normativa, e investigando especificamente critérios linguísticos. Nesse sentido, como afirma Linhares (2015), houve o abandono dos princípios gramaticais tradicionais de base grega, de fundamentação aristotélicas, que tratavam da essência da linguagem de maneira pouco científica. Essa mudança de foco se deve ao fato de que a mentalidade do século XIX tem como base o positivismo, que prioriza, sobretudo, a experimentação, transformando o contexto mais cientificista da Gramática-Comparativa.

O ganho com essa perspectiva, de acordo com Martelotta (2011), foi o rompimento com a tradição da gramática grega e o foco nas línguas vivas, percebendo que as línguas são variáveis, passando a valorizar para os estudos, não só dos documentos escritos, mas também os dialetos falados na época. Desse modo, a arbitrariedade e as diferenças culturais passam a ser importantes e a língua passa a refletir sua própria história. Essa teoria pode ser vista nas gramáticas históricas da Língua Portuguesa, por exemplo, a de Ismael de Lima Coutinho, dentre outras.

A partir da primeira metade do século XX, houve outra mudança de perspectiva nos estudos da linguagem. A teoria da Gramática Estrutural ou Estruturalismo revolucionou o pensamento científico da Linguística sob influência de Ferdinand Saussure (Europa) e Leonard Bloomfield (Estados Unidos). Saussure criou os conceitos de *langue* (um sistema linguístico utilizado como meio de comunicação, possuindo um caráter social) e *parole* (uso individual do sistema). Além disso, o principal fato inovador de Saussure foi a ideia de que cada elemento só tem valor em relação a outros que se organiza em um todo. Nessa perspectiva, abandona a tendência comparatista de trabalhar com unidades isoladas (MARTELOTTA, 2011).

Conforme Soares, Duarte e Holanda (2020), a principal obra de Saussure - o Curso de Linguística Geral, determina que a linguagem é concebida como um sistema articulado, com normas internalizadas que regem a gramática de determinada língua para a comunicação se estabelecer com eficácia. Nesse caso, o objeto da Linguística é concentrado na *langue*, a *parole* fica em segundo plano em seus estudos por restringir o estudo das estruturas internas dos elementos que compõem determinada língua. Para as autoras, a contribuição de Saussure para as teorias linguísticas atuais são de extrema importância por tentarem compreender as relações internas que regem os elementos linguísticos de uma determinada língua.

Por fim, Martelota (2011) pontua que o Estruturalismo se fundamenta no Empirismo, condicionando o conhecimento à experiência, ressaltando que a linguagem é diretamente relacionada à percepção do mundo, sendo assim, o ambiente em que vivemos é criado socialmente pelos humanos através da linguagem. As gramáticas que se baseiam na teoria Estruturalista são as descritivas, por exemplo, a Gramática Descritiva do português de Mario Perini.

Em consequente, a teoria de gramática gerativa, conforme Martelotta (2011) retrata, que teve como principal teórico Chomsky (1950), apresenta uma revolução na maneira de analisar a linguagem, visto que há o direcionamento de um novo olhar aos

aspectos linguísticos, considerando a linguagem enquanto capacidade cognitiva unicamente humana. Sendo assim, apesar de a Gramática Gerativa analisar a estrutura gramatical das línguas, ela considera determinados processos mentais como primordiais da linguagem humana, considera o princípio do inatismo e o princípio da modularidade da mente como princípios básicos para caracterizar essa concepção de gramática.

Ademais, o autor também relata que o gerativismo defende a ideia de uma gramática universal, ou seja, um conjunto de princípios gerais presentes em todas as línguas do mundo que possuem semelhanças e diferenças previstas dentro de um leque de opções disponíveis que são ativadas pelos sujeitos através de suas experiências. Por isso, a cognição, a mente humana e os princípios gerais inatos são extremamente importantes para a compreensão da linguagem, nessa perspectiva teórica. Nesse viés, as teorias da Gramática Gerativista deixam de lado muitas questões sociais/interativas relacionadas a linguagem e embasam os conhecimentos na razão e na dedução.

Enquanto a Gramática Estruturalista descreve os fatos de uma língua, a Gerativa trata-se de uma teoria explicativa que deduz e formula hipóteses a partir de dados analisados e pode prever dados novos. Na prática, conforme Cruz (2017), a teoria de Gramática Gerativista trata de uma gramática que se preocupa com a forma e o significado das expressões, além de considerar a mente e a gramática implícita internalizada dos indivíduos. Enfim, ao considerar aspectos psicológicos e biológicos atrelados à linguagem, é possível expor a importância que o gerativismo possui na descrição da competência linguística dos falantes.

Destarte, outra perspectiva teórica foi a apresentada por Martelotta (2011) como gramática cognitivo-funcional. O autor explica que é um conjunto teórico-metodológico que caracteriza algumas escolas que podem possuir natureza distintas, porém, trazem princípios muito semelhantes. Nesse viés, engloba algumas escolas como o Funcionalismo, a Linguística Sociocognitiva, a Linguística Textual, a Sociolinguística, a Linguística Sociointerativa, em que tem como pontos em comum a ênfase em observar o uso da língua, a ampliação do estudo ao nível da frase, analisando textos e diálogos, considerando o falante, sua criatividade e capacidade de adaptação nos contextos de comunicação.

Além disso, o autor afirma que esse conjunto de teorias vai além dos estudos linguísticos focados nos fenômenos estudados pelos Estruturalistas e Gerativistas.

Nelas, não há o abandono do estudo da estrutura, mas abrange um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas que envolvem o discurso. Nesse sentido, segundo o autor, na perspectiva da Gramática Cognitivo-Funcional são considerados aspectos que ainda não haviam sido considerados, principalmente relacionados ao papel que o locutor e o interlocutor possuem para a compreensão da língua, além da estrutura por si só. Além disso, são consideradas as práticas sociais e os processos mentais para a interpretação de textos verbais ou não verbais, enfatizando a importância que esses fatores possuem para a significação (MARTELOTTA, 2011).

Ademais, Martelotta (2011) enfatiza a concepção de realismo corporificado que, segundo o autor, possui grande influência na perspectiva da Gramática Cognitivo-Funcional ao considerar que a percepção que um falante possui do mundo é limitada por suas características físicas e, portanto, sua mente não pode ser separada do seu corpo. Assim, há um rompimento com as ideias de racionalismo/empirismo, inato/aprendido que nas teorias anteriores eram discutidas. Pode-se observar essa teoria aplicada aos estudos da Língua Portuguesa pela pesquisadora Maria Helena de Moura Neves, dentre outros.

1.3 O ENSINO DE GRAMÁTICA NO BRASIL

Conforme visto no decorrer do capítulo, a noção de Gramática Tradicional iniciou-se com os gregos, que sistematizaram e prescreveram um modelo de língua a ser seguido. Em sequência, os estudos da Gramática Histórico-Comparativa buscavam realizar estudos comparativos de línguas vivas, passando a perceber que as línguas são variáveis e assim, abrindo espaço para outras teorias que ampliavam os estudos além da escrita documental.

Em relação a construção de um padrão de língua no Brasil, conforme Azeredo (2018), observa-se que após a Proclamação da República, com a Reforma Educacional de Benjamin Constant em 1890, a Língua Portuguesa passou a ser valorizada e questões relacionadas a população e ao território brasileiro começaram a serem tratadas nas disciplinas de literatura, modernizando o ensino, enaltecendo o nacionalismo e tratando sobre fatos da linguagem. Segundo Duarte (2021), as escolas do século XIX costumavam ensinar a gramática expositiva ou normativa da língua portuguesa e o último ano escolar, era reservado para estudar a gramática histórica.

Por conseguinte, Azeredo (2018) revela que em meados dos anos 1960 a Linguística tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de Letras no Brasil e assim, os estudos relacionados à língua foram crescendo. Segundo o autor, o pioneiro dos estudos para uma renovação da Língua Portuguesa foi Joaquim Mattoso Câmara Jr que descreveu os subsistemas fonológico e flexional do português. Nos anos de 1970 e 1980, com a expansão dos programas de pós-graduação em Letras e Linguística, ampliaram-se os estudos sobre o funcionamento e a estrutura da linguagem, porém, os estudos ainda não se distanciavam do tradicionalismo.

Assim, Azeredo (2018) cita a primeira obra no Brasil que critica o modelo descritivo vigente no ensino escolar, a “Gramática Descritiva do Português” de Mário Perini, porém não se baseia a descrição em corpus recolhido para tal fim. Portanto, para o autor, a primeira análise que abrange os aspectos morfológicos e sintáticos em corpus de uso real foi a “Gramática de Usos do Português” de Maria Helena de Moura Neves, que enfatizou as diferentes classes de palavras de uma maneira compreensível para que toda a população conseguisse realizar a leitura e absorver tantos conteúdos densos.

Ao final da década de 90, Duarte (2021) afirma que com a reformulação da LDB e a criação dos PCN, novos objetivos e práticas de ensino foram orientados, focalizando a disciplina de Língua Portuguesa no discurso, na leitura de textos de gêneros diversos, ampliando a noção de variedades linguísticas e a ressignificação do certo e errado na língua. Segundo a autora, tais avanços são resultados de estudos realizados nas graduações e pós-graduações de Letras e Linguística.

Em sequência, outros diversos trabalhos investigativos dos usos falados do português do Brasil são citados por Azeredo (2018), o Projeto Gramática do Português Falado, coordenado pelo prof. Ataliba Teixeira de Castilho foi de suma importância para renovação dos estudos descritivos da língua portuguesa tal como é falado pelos brasileiros, considerando a variação regional e níveis de escolaridade. O autor também destaca a “Gramática do Português Brasileiro” de Mário Perini e a “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro” de Marcos Bagno, rompendo com conceitos antigos da gramática em sala de aula e trazendo novos conceitos focados no texto, na fala e na modalidade.

Por fim, Duarte (2021) ressalta a redução do ensino de gramática nas escolas a partir dos anos 70/80, dividindo espaço com leitura e redação, tornando assim o ensino de Língua Portuguesa útil. Assim sendo, as gramáticas atuais, como por

exemplos a Gramática Houaiss, possuem textos de diferentes gêneros que fazem parte do cotidiano dos indivíduos e que são utilizados como instrumento central para ensinar a norma-padrão, tornando-as mais flexíveis e mais próximas da linguagem em uso.

CAPÍTULO 2. HOUAISS E AZEREDO: UMA PARCERIA DE ÊXITO

No presente capítulo, apresenta-se a biografia de Antônio Houaiss e suas contribuições para o estudo da língua portuguesa, além da biografia do autor da gramática Houaiss, José Carlos de Azeredo, personalidade marcante e influente na renovação linguística no Brasil, expondo suas principais contribuições para os estudos linguísticos. E ainda, sobre a parceria entre Azeredo e Houaiss que resultou na nomenclatura da gramática e por fim, será realizada uma síntese da obra.

2.1 ANTÔNIO HOUAISS

Segundo a Academia Brasileira de Letras (ABL), Antônio Houaiss nasceu em 15 de outubro de 1915, na cidade do Rio de Janeiro – RJ, filho do casal de imigrantes libaneses Habib Assad Houaiss e Malvina Farjalla. Com 16 anos, começou a lecionar português e toda a sua formação intelectual ocorreu no Rio de Janeiro no ensino público. Além de português, também lecionou latim e literatura no magistério secundário oficial do então Distrito Federal, de 1934 a 1946, quando pediu exoneração, ao optar pela carreira diplomática. Casou-se, em 1942, com Ruth Marques de Sales e não teve filhos. (ABL, s.d.)

Conforme exposto no site da ABL, Houaiss foi perito-contador pela Escola de Comércio Amaro Cavalcanti (1933), é bacharel (1940) e licenciado (1942) em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Além disso, foi membro examinador de português de vários concursos promovidos pelo DASP (Departamento de Administração do Setor Público) para preenchimento de cargos públicos (1941 a 1943); colaborador permanente do DASP na elaboração de provas de português para o serviço público (1942-1945), professor contratado pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores para lecionar português no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro de Montevidéu (1943 a 1945).

Além de uma longa carreira diplomática, foi secretário-geral do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em 1956, em Salvador, exerceu as funções de colaborador e pesquisador na Casa de Rui Barbosa (1956 - 1958) e de secretário-geral do Primeiro Congresso Brasileiro de Dialeto e Etnografia (Porto Alegre, 1958). Em 1964, foi redator do *Correio da Manhã* e membro da Comissão Machado de Assis, desde a sua criação em 1958 (ABL, s. d.).

Ademais, participou da Comissão para o Estabelecimento de Diretrizes para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa estabelecida através do Decreto nº 91.372 de 26 de junho de 1985, com relatório conclusivo de 20 de dezembro de 1985. Foi delegado do Governo Federal para atuar nos países de língua oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe); participou do Encontro para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa (1986), foi membro da delegação brasileira no Encontro para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado no Rio de Janeiro, em 1986, do qual foi o secretário-geral e delegado porta-voz brasileiro (ABL, s.d.).

Conforme exposto no site do Instituto Antônio Houaiss, ele foi professor, filólogo, diplomata de carreira, acadêmico, ecdota, lexicógrafo, tradutor, orador, conferencista, crítico literário, ensaísta, político, teórico do socialismo, ministro de Estado, presidente da Academia Brasileira de Letras, Ministro da Cultura e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Faleceu em 7 de março de 1999 e deixou sua marca na história brasileira tanto em contribuições para a política, quanto para a Língua Portuguesa (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, s.d.).

De acordo com Gens (2000), Houaiss não contribuíra apenas para a editoração, mas também nos trabalhos filológicos, no processo de formação da linguagem literária brasileira, nos domínios da literatura, através das edições críticas e da superior qualidade gráfica dos livros. Sendo assim, o autor enfatiza que Houaiss interessava-se pela restauração e análises críticas de textos e teve importantes contribuições para a literatura e língua literária brasileira, sendo destacados as obras: Texto dos Poemas de Gonçalves Dias (1956), introdução ao texto crítico de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1959), os prefácios das obras de Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto e Silva Alvarenga.

Portanto, além do compromisso com a preservação e restauração de textos literários, sempre tentando manter a qualidade e a fisionomia dos impressos no Brasil, o linguista possui um livro intitulado “A crise de Nossa Língua de Cultura” em que denuncia o preconceito linguístico, a doutrina dos gramáticos em forçar o bem escrever estabelecida no Brasil. Houaiss dedicou-se também à Linguística e defendeu a diversidade do português falado nos dois lados do Atlântico.

Além disso, realizou estudos dos sons da língua, lutou pela unificação das sete nações de Língua Portuguesa, apoiou a descrição e a investigação do funcionamento da língua, preocupou-se em desenvolver estudos dialetológicos e interessava-se às

pesquisas sobre a história da língua portuguesa, considerando as línguas indígenas e africanas. Ademais, dedicou-se às questões morfossintáticas, semânticas e lexicográficas da língua portuguesa (FILHO, s.d.).

2.2 JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Segundo o currículo Lattes de José Carlos de Azeredo, graduou-se em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966 – 1970) e possui experiência na área de Letras, com ênfase em Gramática da Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Portuguesa, argumentação, análise do discurso, língua literária e ensino de português. Realizou mestrado em Letras (Letras Vernáculas) também na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1977, com o título "A flexão nominal portuguesa". Em 1988, também lá doutorou-se em Letras, com a tese "Sintaxe do português: categorias e funções" e teve como seu orientador tanto no mestrado, quanto no doutorado o professor e gramático Celso Ferreira da Cunha.

Exerceu atividades docentes de 1970 até a aposentadoria, em 1996 e no período de 1999 a 2000, coordenou o Mestrado em Língua Portuguesa e organizou os volumes Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino (Vozes) e Letras e Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa (Vozes). Além disso, foi pesquisador bolsista do CNPq, seu projeto sobre o léxico de *Vidas secas* foi parcialmente desenvolvido durante estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada pela PUC-SP, concluído em 2010.

Azeredo também publicou os volumes *Iniciação à sintaxe do português* (1990) e *Fundamentos de gramática do português* (2000), foi coordenador do livro "Escrevendo pela nova ortografia" e autor do "Dicionário Houaiss de conjugação de verbos" e também da "Gramática Houaiss da Língua Portuguesa". Atualmente, é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e seu currículo é repleto de produções de artigos, livros e coordenação de pesquisas acadêmicas.

De acordo com Editorial (2022), desde sempre Azeredo nutria interesse em reunir as ideias desenvolvidas em suas experiências em sala de aula em uma obra que tivesse perfil de uma gramática, visto que, o período acadêmico vivenciado pelo autor era de desenvolvimento da Linguística para uma nova direção de estudo. Assim, reuniu materiais reflexivos que havia escrito, como por exemplo o artigo "Afinal, o que

é gramática?” e no final dos anos 80, recebeu um convite para escrever uma gramática a ser publicada pela editora Ediouro, porém, a editora desaconselhou a publicação da obra por possuir uma abordagem muito sofisticada para o público-alvo.

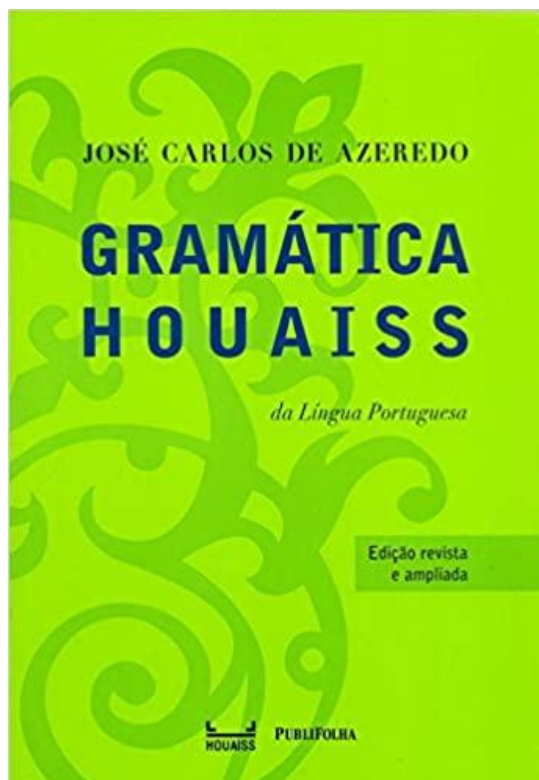
Após, Azeredo concluiu a escrita e publicou a gramática pela editora Jorge Zahar com o título “Fundamentos de gramática do português”. Ademais, participou da confecção de um dicionário em parceria com a editora Caldas Aulete, realizando a introdução e a leitura crítica dos verbetes da gramática, despertando a atenção de Mauro Vilar, coordenador da confecção do dicionário Houaiss, que no ano de 2007 entrou em contato com Azeredo para oferecer a oportunidade de escrever uma gramática.

Após Azeredo aceitar o convite, a primeira versão da gramática Houaiss, realizada com uma parceria entre o Instituto Houaiss e José Carlos de Azeredo, foi publicada no ano de 2009, porém, o autor já realizou 5 versões da gramática, sendo a última versão publicada pela editora Parábola. Desse modo, o autor destaca-se como defensor da variedade padrão escrita do português em uso no Brasil, como visto até então, realizando uma amplitude de estudos para reflexão sobre o funcionamento da língua.

2.3 A GRAMÁTICA HOUAISS

Esta gramática, escrita pelo professor José Carlos de Azeredo em parceria com o Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, possui 5 edições. Para o trabalho, será utilizada a 4ª edição, publicação revista, ampliada pela Publifolha, 622 páginas. Nela, é exposta a norma-padrão da escrita do português no Brasil, sem deixar de lado outras possibilidades de realização dessa língua. Devido a necessidade de debater sobre as variedades da língua e com sua vasta experiência como professor de Língua Portuguesa, José Carlos de Azeredo dedicou seus estudos à tentativa de uma obra que contivesse um equilíbrio entre a tradição e a renovação da língua portuguesa escrita.

Figura 1 – Capa da Gramática Houaiss



AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018.

Nas primeiras páginas da gramática constam as principais informações e as motivações para que o leitor desperte o interesse pela leitura, deixando claro que é uma gramática que descreve o funcionamento da língua em diferentes formas de realização, porém, não deixa de ser um material de consulta da norma-padrão. Divide-se em oito partes e é composta por vinte e dois capítulos, essa gramática possui como objeto “a variedade padrão escrita do português em uso no Brasil” e enfatiza na reflexão sobre o funcionamento da linguagem verbal. (AZEREDO, 2018, p. 25)

Considerando que o “falar” é um traço exclusivo da espécie humana, o autor dá a devida importância aos papéis da linguagem verbal, sendo elas: forma de organização dos conhecimentos de mundo, a codificação e a comunicação destes conhecimentos. Sendo assim, Azeredo (2018, p. 27) teoriza o sistema gramatical da língua como “um meio de organizar sentidos, tanto do ponto de vista de quem fala/escreve, quanto de quem ouve/lê”, considerando o funcionamento do sistema gramatical como atividade sociointerativa humana que necessita de atenção e reflexão.

Em sua primeira parte, a gramática Houaiss possui como seu objeto de estudo, seus objetivos, explica sobre a gramática e seu estudo, além de realizar um breve histórico sobre a trajetória da gramática no Brasil. Nesse início, já é possível perceber que a gramática apresenta um caráter inovador, sendo inserida a fala, a variedade padrão e uma descrição do funcionamento da linguagem, além de considerar aspectos cognitivos e sociais na sistematização da língua.

A segunda parte, denominada “Uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação”, composta pelos capítulos: Na fronteira do Universo Humano; O conhecimento da Língua; Variação, Mudança e Unidade da Língua e Linguagem, Discurso e Texto, inicia-se relatando sobre o homem e a sua interação com o meio através de seus sentidos. Assim, suscita o assunto da atribuição de significados, que nada mais é que o reconhecimento de algo em nossa memória (sistema de referências interiorizadas) que passa a ter função e sentido.

Adiante, é explicado sobre o texto, esclarecendo seu conceito e a sua correlação com o enunciado, rompendo com a ideia de texto apenas como algo escrito, ou o que chamamos de gêneros textuais. São expostos os tipos textuais tradicionais (narração, descrição e dissertação) e outras duas categorias propostas recentemente: a argumentação e a injunção, além de aprofundar nos mecanismos internos que constituem um texto.

Na terceira parte “Conceitos básicos da descrição gramatical”. Na quarta parte: “Morfologia flexional e sintaxe”, são abordadas as classes gramaticais (substantivos, adjetivo, numeral, pronome, artigo, verbo, advérbio, preposição e conjunções), porém, estes conceitos não são expostos através de uma explicação rígida por meio de listagens, como são as gramáticas tradicionais. Na gramática Houaiss são consideradas as variações e as “exceções” que ocorrem na língua, que não são explicadas na maioria das gramáticas.

Na quinta parte “A estruturação sonora”, o autor abrange os sons da fala, suas características, conceitua fonema, Fonética e Fonologia, expõe sobre a produção articulatória dos sons vocais, apresenta o alfabeto fonético, o sistema vocálico e os processos fonológicos. Na sequência, na sexta parte: “O léxico: formação e significação das palavras” é explicitado o que é o léxico, uma breve história de sua construção, como ocorre a produção e a compreensão das palavras, analisando suas estruturas e regras para a formação de palavras.

A sétima parte “A língua e seus usos expressivos” trata-se de um resumo das principais concepções do autor quanto à gramática, considerando seus usos, os processos comunicativos, os conceitos e valores internos que o indivíduo possui ao formar textos e interpretá-los, atribuindo significados. Na última parte da gramática, a oitava parte “apêndices”, é exposto sobre a pontuação, crase e é realizado um apanhado histórico em torno da língua falada e escrita do português. Por fim, é esclarecida a atual situação linguística brasileira e alguns traços característicos do português brasileiro em seus usos. Contudo, este trabalho utilizará como foco o capítulo sete, a fim de estudar os processos semânticos lexicais.

De maneira geral, percebe-se uma renovação da Gramática ao descrever o funcionamento da linguagem verbal, sendo perceptíveis traços de várias teorias: Descritiva, Tradicional, Funcionalista e Gerativista. Ademais, são observados fatores semânticos, cognitivos e sociocomunicativos para explicar fenômenos da língua, além de serem inseridos assuntos sobre o conhecimento da língua, suas variações e principalmente incentivando o estudo dos sentidos no decorrer de toda a exposição normativa sobre o sistema padrão do português brasileiro.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

Este trabalho busca compreender de que maneira os processos semânticos são expostos na Gramática Houaiss de Antônio Carlos de Azeredo, bem como refletir sobre esses processos expostos na gramática. Para isso, analisa-se como são apresentados, a proposta teórica que o autor utiliza para tratar tais processos e a metodologia utilizada para a melhor compreensão da semântica alinhada à norma-padrão da Língua Portuguesa.

A escolha do material principal do estudo, a Gramática Houaiss, se deu através de indicações de um bom material de consulta da norma-padrão por professores da área da licenciatura e o interesse no aprofundamento dos sentidos das palavras/sentenças, bem como a maneira de repassar os conteúdos de Língua Portuguesa de uma maneira que considere os fatores linguísticos, sociais e semânticos que vão além forma tradicional de ensino, desencadeou o tema deste trabalho.

A pesquisa foi de natureza básica que, segundo Tumelero (2019), tem por objetivo o entendimento e o aprofundamento de determinado assunto, gerando novos conhecimentos e contribuindo para o avanço da ciência. Assim, com esta pesquisa, buscou-se realizar uma análise documental, a fim de discutir e refletir sobre a inclusão da Semântica nas gramáticas de língua portuguesa de forma que ultrapasse as barreiras teóricas tradicionais e também possibilite os professores a inserirem esses conhecimentos em sala de aula. Tratando-se da forma de abordagem, a pesquisa foi de cunho qualitativo, considerando a subjetividade ao interpretar fenômenos e atribuir significados, não necessitando de métodos estatísticos.

Em um primeiro momento, após a definição do tema, foi realizado um estudo sobre o que é gramática e sua trajetória, expondo as principais concepções e relatando brevemente o percurso percorrido dessas teorias. No livro “A gramática: história, teoria e análise, ensino” da autora Maria Helena de Moura Neves, publicado no ano de 2002, é discutido a conceituação de gramática, seu objeto de estudo, a história do surgimento da disciplina gramatical no Ocidente e o ensino específico de gramática. Já em seu livro “Que gramática estudar na escola?” do ano de 2011, a autora ressalta a necessidade de que a gramática escolar contemple uma relação com o uso efetivo da língua, dando conta dos usos linguísticos, além das normas tradicionalmente consideradas padrão.

No mesmo viés, Irandé Antunes traz a mesma discussão sobre a gramática e seu ensino no livro publicado no ano de 2007 “Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho”, a fim de que a língua e seus aspectos sejam considerados também como ciência. No Manual de Linguística de Mário Eduardo Martelotta, publicado no ano de 2011, são apresentados conceitos básicos de várias correntes da Linguística moderna e trouxe informações cruciais para a fundamentação relacionadas às concepções de gramática deste trabalho.

Outra obra essencial para a pesquisa foi “O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma”, publicada no ano de 2007 pela linguísta Marli Quadros Neves. O livro é fundamentado na Historiografia da Linguística e analisa as etapas com que a língua portuguesa passou no processo de gramatização. Além disso, a autora analisa a tensão na formação do pensamento gramatical português e debate sobre a dicotomia prescrição versus descrição.

Em seguida, foi elaborado um resumo biográfico do linguista Antônio Houaiss e a do autor da gramática, José Carlos de Azeredo, a fim de expor as biografias e contribuições dos linguistas, bem como a motivação do título da obra. Nessa parte, foi necessário uma pesquisa no site da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Houaiss, no currículo Lattes, além de depoimentos dos autores Leodegário Amarante de Azevedo Filho (s.d) e de Armando Gens para entender a relevante contribuição de Antônio Houaiss para os estudos linguísticos e, especificamente, os estudos da língua portuguesa.

Em consequente, conforme Fonseca (2002, p. 32) esclarece: “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”, foi realizado um estudo sobre a Semântica e os Processos Semânticos, baseados nos principais autores semanticistas. O primeiro, Francisco da Silva Borba, publicou seu livro no ano de 2005, “Introdução aos estudos linguísticos”, o qual apresenta conceitos e princípios básicos da Linguística para após, demonstrar como funcionam diversos componentes da estrutura linguística.

Após, a segunda semanticista, a professora Márcia Cançado, em seu “Manual de semântica: Noções básicas e exercícios” trata dos principais conceitos teóricos, utilizando exemplos do português acessíveis aos falantes da língua e trazendo exercícios para que os leitores possam fixar o conteúdo. A sua obra em conjunto com Luana Amaral, “Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e

decomposição de predicados” contribuiu para os estudos da parte da Semântica Lexical e os principais aspectos lexicais.

Em sequência, o livro “A significação: o processo semântico” de Pierre Guiraud, “O léxico e a semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação” de Cláudio Cezar Henriques, os livros “Introdução à semântica: brincando com a gramática” e “Semântica” de Rodolfo Ilari e “A lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais” de Alain Polguère, permitiram o estudo sobre a Semântica, o Processo Semântico e o Léxico, contribuindo eminentemente com a presente pesquisa. Dessa forma, tais pesquisas sobre as principais temáticas foram necessárias para a análise fundamentada sobre o principal material bibliográfico utilizado neste trabalho: a Gramática Houaiss.

Após compreender as concepções de gramática, a relevância de Antônio Houaiss e José Carlos de Azeredo e as teorias semânticas, será relacionada a fundamentação teórica com a maneira como a gramática expõe os processos semânticos, realizando uma análise da Gramática e das teorias expostas. Além disso, através de excertos, serão analisados como os processos são tratados, quais as teorias e abordagens utilizadas e a importância de serem apresentadas dessa forma nas gramáticas.

Com tal metodologia, espera-se expor a importância de ter um material que apresente a norma-padrão da Língua Portuguesa de uma forma que abranja outras perspectivas de gramática além da tradicional, considerando os processos semânticos, sociais e cognitivos. Dessa forma, o estudo contribui para a reflexão de que a gramática Houaiss possui um papel norteador muito importante para os professores ao apresentar o sistema padrão da língua portuguesa considerando os usos e uma diversidade de teorias linguísticas. Assim, prosseguimos com o próximo capítulo: análise e discussão sobre a semântica na Gramática Houaiss.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A SEMÂNTICA NA GRAMÁTICA HOUAISS

Neste capítulo, é apresentada uma discussão sobre os processos semânticos presentes na gramática Houaiss, comparando a descrição do autor com teóricos da área da semântica, buscando mostrar as semelhanças e possíveis diferenças nas abordagens. Serão enfatizados os processos semânticos: polissemia, homonímia, metáfora, metonímia, ambiguidade, sinonímia e antonímia presentes no décimo oitavo e décimo nono capítulos da gramática em estudo.

4.1 OS PROCESSOS SEMÂNTICOS: GRAMÁTICO *VERSUS* SEMANTICISTAS

Inicialmente, a semântica como área de conhecimento que enfatiza o emprego e o sentido das palavras, é antigo, inclusive, segundo Guiraud (1986) o filósofo neoplatônico do século V, Proclus, classificou algumas mudanças semânticas como cultural, metáfora, alargamento e restrição do significado. Além disso, o autor esclarece que houve outras descobertas, como a de Demócrito ao afirmar que uma única palavra pode gerar vários sentidos e vice-versa, porém, a Semântica começou a ter mais destaque somente no século XIX.

Considerando que o falante possui diferentes tipos de conhecimentos sobre sua língua, é possível identificar o vocabulário adquirido pelo indivíduo, a pronúncia das palavras, a construção de palavras e sentenças, além de entender seus significados. Cançado (2008) cita a divisão da língua em diferentes níveis de análises: o léxico, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Dentre essa separação, o foco desse trabalho será sobre a Semântica, ou seja, no estudo científico do significado, considerando que, segundo Cançado (2012), toda atividade social é produtora de significações, sendo assim necessário um ramo linguístico para o estudo destas interpretações.

Consoante a autora, Guiraud (1980) atribui o significado de semântica como o estudo do sentido das palavras e para o autor, a palavra é originada do grego “semáinô” (significar), que é derivado da palavra sêma (sinal). Do mesmo modo, Henriques (2011) conceitua a semântica como o estudo do significado das expressões das línguas naturais e é utilizada no dia a dia pela sociedade ao tentarem entender

os significados das palavras em tarefas rotineiras como ler uma manchete de jornal ou escutar uma música.

Assim, Borba (2005, p. 226) destaca que a semântica

se ocupa da significação ou dos sentidos veiculados pela linguagem [...] uma teoria semântica, então, deve descobrir as regras gerais que condicionam a produção e a interpretação semântica das orações bem como explicar por que os falantes percebem anomalias ou desvios semânticos (BORBA, 2005, p. 226)

Portanto, como toda atividade social é produtora de textos repletos de significados que são possíveis de serem interpretados, a semântica torna-se importante ao ir além da interpretação de textos escritos, ela busca explicar as mais diversas situações diárias, possibilitando que as pessoas entendam e façam uso da linguagem de maneira eficaz, estabelecendo o processo comunicativo. Dessa forma, os estudiosos que investigam o sentido de palavras, frases e enunciados, tentam explicar a significação das construções, bem como os processos semânticos que dizem respeito ao significado que as palavras/sentenças representam.

Borba (2005) apresenta dois modos de estudo dos fenômenos semânticos: o valor significativo das unidades lexicais (semântica lexical) e o valor da combinação das unidades dos enunciados (semântica frasal). Apesar dos diferentes níveis de análise, os dois estudos são de extrema importância pois, somente podemos produzir e entender as orações por conhecermos o significado codificado das palavras, mas é graças a oração que podemos entender o sentido global a ser produzido ou entendido.

Ademais, a semântica lexical, que será relacionada com a Gramática Houaiss neste trabalho, trata-se do estudo da relação entre o sentido das palavras e a sintaxe de uma língua. Conforme Cançado e Amaral (2016) abordam, essa linha de estudo preocupa-se em relacionar a língua às representações mentais, focando em propor análises teóricas que descrevam os sentidos das palavras às representações cognitivas do falante, além de expor a importância deste estudo, já que o sentido das palavras podem determinar os sentidos sintáticos.

Dessa forma, Borba (2005) sintetiza as diversas maneiras que os significados se associam formando diferentes processos semânticos. Tendo em vista isso, e considerando os processos mencionados na gramática Houaiss, a seguir, será iniciada a análise de excertos, descrevendo e analisando a maneira como esses

processos semânticos são apresentados sob a perspectiva de José Carlos de Azeredo.

Figura 2 – Imagem retirada da Gramática Houaiss: sumário

Décimo Oitavo Capítulo: O Significado Lexical: Conceitos Básicos	443
18.1 Introdução	443
18.2 Referência e denotação	443
18.3 Conotação	444
18.4 Composição do significado lexical: traços semânticos	446
18.5 Conhecimento de mundo e conhecimento da língua	447
18.6 Como se estrutura o léxico: famílias lexicais e campos semânticos	448
18.7 Polissemia e homonímia	450
18.8 Polissemia de três verbos de movimento	452
18.9 O léxico e a interação de domínios conceptuais	455
18.10 Metáfora e metonímia	456
18.10.1 Produtividade metafórica	457
18.10.2 Criatividade metafórica	458
18.10.3 Produtividade metonímica	460
Décimo Nono Capítulo: Relações Semânticas no Léxico:	
Traços Semânticos e Relações de Sentido	461
19.1 Aspectos gerais	461
19.2 Linguagem e realidade	464
19.2.1 Segmentar para conhecer e reconhecer	466
19.2.2 Sucesso	467
19.2.3 Valor semântico	467
19.2.4 Aprovação e desaprovação	468
19.2.5 Escalonamento	469
19.2.6 Principal e subordinado	470
19.2.7 Índices da situação comunicativa	470
19.2.8 Marcadores semânticos	470
19.2.9 Função distintiva	471
19.2.10 Ambiguidade inerente	472
19.3 Relações entre significados	473
19.3.1 O geral e o específico	474
19.3.2 Sinonímia	474
19.3.2.1 Variantes regionais ou geográficas	475
19.3.2.2 Variantes estilísticas ou discursivas	476
19.3.2.3 Variantes psicológicas ou expressivas	477
19.3.2.4 Variantes etárias ou históricas	478
19.3.3 Antonímia	478

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 14-15.

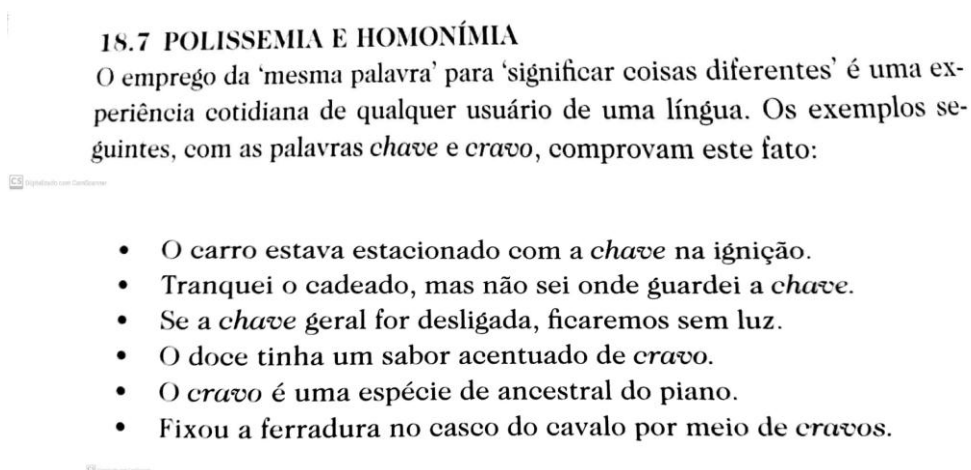
Ao observar o excerto do sumário (figura 2), observa-se que na gramática são associados estudos semânticos nos conhecimentos normativos é dedicada uma parte específica para tratar os significados/sentidos das palavras. Desse modo, compatibiliza com as concepções de Cançado (2008) quando a autora expõe que o falante de qualquer língua possui diferentes tipos de conhecimentos em sua gramática e um desses conhecimentos considerados essenciais é o de entender o significado das palavras e das sentenças.

Assim, a ordem dos conteúdos expostos na gramática segue uma lógica, iniciando pelos fundamentos históricos do léxico português, expondo a importância

que as palavras possuem em uma língua, além de refletir a história das comunidades às quais serviram. Após, são observados os processos de formação de palavras, bem como os mecanismos de produção e compreensão destas palavras e a capacidade de produtividade e criatividade lexicais que os falantes de determinada língua possuem. Em consequente, os conceitos básicos sobre léxico são alinhados ao de semântica, unindo assim os estudos das palavras às significações.

Ademais, Cançado (2008) ressalta que os falantes possuem intuições perante as propriedades de sentenças e também de que forma elas se relacionam, mesmo sem ter consciência que possuem o conhecimento semântico. Portanto, um dos objetivos da semântica é caracterizar e explicar essas relações sistemáticas entre palavras e sentenças de uma língua e a gramática Houaiss traz toda a base teórica necessária, estabelecendo uma interligação entre os usos e a teoria e principalmente levando em consideração aspectos que vão além da listagem de conteúdos, como por exemplo, analisar o contexto de uso para interpretar os termos.

Figura 3 – Imagem retirada da Gramática Houaiss: polissemia e homonímia



AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 450-451.

Observa-se no excerto acima (figura 3), que Azeredo (2018, p. 450-451) apresenta os conceitos de Polissemia e Homonímia na primeira frase do tópico: “O emprego da ‘mesma palavra’ para ‘significar coisas diferentes’”. Em seguida, na figura 4, o autor indica seis exemplos de frases para diferenciar os sentidos de alguns termos

destacados, iniciando pela análise denotativa e assim, realizando a diferenciação semântica entre polissemia e homonímia.

Figura 4 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: diferenciação entre polissemia e homonímia

Ao comparar, porém, os três primeiros exemplos, notamos que, embora designe objetos com funções diferentes (*chave de porta*, *chave de carro*, *chave de luz*), a palavra *chave* tem o valor geral de um instrumento ou recurso para acionar algum mecanismo (de abertura da porta, de atividade do motor, de iluminação). Esse valor geral corresponde à **denotação** (ver 18.2) de *chave*, sobre a qual se erige a **polissemia** (= variação/dispersão de sentido). Já nos três exemplos seguintes, não se identifica nenhum traço de significado comum às três designações de *cravo* (respectivamente, planta aromática, instrumento musical, variedade de prego curto). Trata-se de um exemplo típico de **homonímia** (= uso de um só significante para significados distintos e não relacionados).

A principal causa da dispersão polissêmica está nas transferências de sentido operadas pela metáfora e pela metonímia (ver 18.10). Já a homonímia tende a ser explicada como resultado da convergência, em um mesmo significante, da evolução histórica de étimos diferentes (ex.: *pregar*, resultado da transformação fonética de dois étimos latinos, *plicāre* [*pregar* = 'dobrar' donde 'unir, fixar'] e *praedicāre* [*pregar* = 'dizer em voz alta', 'proferir']). Às vezes a diversidade de origens é apagada na pronúncia mas mantida na escrita; trata-se de homônimos simplesmente homófonos (ex.: *empossar* [= dar posse a] e *empoçar* [= formar poças]). O mais famoso exemplo dessa espécie de homonímia consiste nas formas *seção* (segmento, parte), *sessão* (evento) e *cessão* (ato de ceder). O caso mais conhecido de homofonia com homografia é o de *são*, conforme os exemplos *Eles são irmãos* (verbo *ser*), *Era dia de São Pedro* (*santo*) e *Um fruto são* (*sadio*).

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 451.

Assim, Azeredo (2018) ressalta que a causa da polissemia está ligada às transferências de sentido operadas pela metáfora e pela metonímia, já a homonímia tende a ser explicada como resultado da convergência da uma evolução histórica de determinada palavra, por exemplo: *plicare* (unir, fixar) e *praedicare* (dizer em voz alta), palavras latinas que mantiveram a pronúncia no português (*pregar*), mas possuem significados diferentes.

Os exemplos expostos por Azeredo (2018, p. 452) “Ele *colou* o selo no envelope” e “Ele *colou* duas questões da prova de matemática” mostram a complexidade de diferenciar os conceitos de polissemia e homonímia já que os dois sentidos (fixou e copiou) não significam a mesma coisa, porém, nos dicionários estão reunidos na mesma categoria de significação. Aí faz-se necessário a reflexão além do

categorizado para avaliar sobre em qual processo semântico se enquadram. Diferentemente dos sentidos expostos “colar” (grudar) e “colar” (adorno do pescoço) que, conforme o autor, são considerados homônimos, considerando que estão em classes gramaticais distintas.

Tal definição relacionada às entradas lexicais também são mencionadas por Cançado (2008) que ressalta a polissemia possuindo uma mesma entrada lexical, mas com algumas características distintas e a homonímia possuindo duas ou mais entradas lexicais. A autora utiliza os exemplos “pasta” (massa - pasta de dente, pasta de comer) e “pasta” (local específico - pasta de couro, ministerial) para diferenciar os conceitos com clareza. Ao se utilizar “pasta de dente” e “pasta de bolo”, por exemplo, teríamos um caso polissêmico, já utilizando pasta de dente e a pasta ministerial, teríamos um caso homonímico.

A fim de sintetizar, Azeredo (2018) denomina um caso de homonímia toda vez que as formas foneticamente idênticas correspondem a classes gramaticais diferentes, quando não há nenhuma afinidade semântica agrupada. Já a polissemia, o autor elenca que ocorre quando podemos agrupar em torno de um núcleo de significação comum. Além disso, o autor descreve a homonímia como um fenômeno esporádico comparado à polissemia, alinhando-se à Borba (2005) quando relata que a linguagem humana é naturalmente polissêmica, ou seja, sendo seu uso frequentemente utilizado.

Tais conceituações alinham-se também com o que Cançado (2008) expõe ao explicar que a homonímia ocorre quando os sentidos da palavra não são relacionados e a polissemia ocorre quando estes sentidos possuem alguma relação entre si. Ambos os autores, Azeredo (2018) e Cançado (2008), ressaltam sobre a complexidade de tal distinção, porém, enfatizam a diferenciação não pode ser abandonada por tal dificuldade, pois é de grande importância que ocorra a reflexão do contexto e do que se quer ser dito para entender e classificar estes fenômenos semânticos de maneira clara.

Figura 5 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: metáfora e metonímia

18.10 METÁFORA E METONÍMIA⁹⁷

A **metáfora** consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com um dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceituais de outro domínio. Consideremos a expressão *uma explosão de alegria*. Usa-se aí uma metáfora típica. O usuário fala de um sentimento – alegria –, mas, para dizer o quanto ele é intenso e repentino, recorre a outro domínio de conhecimento – o da reação de matérias sujeitas à combustão, de onde traz a matéria-prima de sua metáfora: explosão.

A metáfora é um recurso de expressão amplamente usado no discurso cotidiano, por mais que seja tradicionalmente tratado como característico da linguagem da poesia. Os exemplos da linguagem corrente lembrados na seção anterior – *colher resultados*, *ruminar pensamentos*, *quebrar o silêncio* – são tipicamente metafóricos, haja vista a ocorrência desses mesmos verbos em *O lavrador colheu abacaxis*, *As vacas ruminam o alimento*, *Quebre esse coco para mim*. Por sua vez, substantivos, verbos e adjetivos basicamente relacionados ao universo animal são correntemente transferidos – por força

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 456.

Em sequência, Azeredo (2018) expõe no tópico 18.10 (figura 5) sobre a metáfora e a metonímia, iniciando sua conceituação pela metáfora como o emprego de palavras utilizado com um determinado domínio em experiências conceituais de um outro domínio. O autor exemplifica o processo metafórico através da expressão “uma explosão de alegria”, em que “explosão” é utilizado para enfatizar a intensidade do sentimento “alegria” que alguém estaria sentindo.

De acordo com Valente (1997), conforme citado por Henriques (2011), metáfora trata-se da mudança de sentido de uma palavra através de uma interpretação subjetiva, ou seja, o sentido da palavra vai depender da interpretação mais ampla, utilizando-se de conhecimentos culturais e de mundo para associar aos significados e não atendo-se apenas aos significados denotativos, por exemplo.

Henriques (2011) também utiliza um exemplo no enunciado “nosso filho é um leão nos exercícios da academia”, transformando um substantivo do universo animal em adjetivo para o universo humano através da força metafórica, conforme Azeredo

(2018) também expõe em sua gramática. Azeredo (2018) exemplifica outros casos em que características e atitudes de animais também são possíveis de serem utilizados: Esses políticos são velhas raposas; Aquela lesma levou duas horas para escrever um simples bilhete; Irritado, o motorista rosou um palavrão.

Ilari (2001) nos informa que há metáfora toda vez que pensamos em uma realidade nos termos de outra e que esse exercício de pensar em algo além do que ele é, explorando o seu sentido metafórico, gera novos conhecimentos, comportamentos, além de proporcionar um prazer estético. Tendo em vista isto, Azeredo (2008) enfatiza que apesar de serem característicos de poesias, o recurso é habitual em discursos cotidianos. Seguindo o mesmo princípio, Henriques (2011) aponta que muitas vezes as pessoas não percebem, porém, estão utilizando frequentemente a metáfora, sendo assim, considerada um fenômeno discursivo pelo autor.

Figura 7 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: metáfora

Resumindo, a metáfora não é um fenômeno marginal no conjunto da língua, mas um recurso inerente a todo o processo de verbalização dos conteúdos processados pela mente humana. Enfim, um traço do princípio geral de economia linguística. Um fato precisa, no entanto, ficar muito claro: em todos os seus aspectos, a língua exibe usos mais corriqueiros e usos mais surpreendentes. A metáfora não é exceção: existem as metáforas cotidianas e coletivas, que em sua maioria nos passam despercebidas, e existem as metáforas episódicas e individuais, sempre destinadas a produzir efeitos comunicativos especiais, frequentemente – mas não com obrigatoria exclusividade – no domínio da criação poética.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 460.

Para encerrar com o assunto, Azeredo (2018) sintetiza a metáfora, na figura 7, como parte da língua e dessa forma, parte do processo realizado pela mente humana para a interpretação dos sentidos de sentenças ou discursos. O autor ressalta que a construção metafórica pode ser utilizada de maneira implícita e ser destinada intencionalmente (ou não) despertando determinados efeitos comunicativos. A fim de resumir a importância do recurso, Cançado (2008) expõe a metáfora como sendo uma maneira relevante de se pensar e falar sobre o mundo.

Figura 8 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: metonímia

O que se passa, contudo, com a lexicalização de conceitos conhecida como **metonímia**? Imaginemos que alguém pergunte ao porteiro do prédio onde mora: *Seu Antônio, o correio já veio hoje?*. Claro que a pessoa quer saber se a correspondência já tinha sido entregue naquele dia. Ela sabe que o entregador da correspondência no domicílio do destinatário se chama *carteiro*, mas, ao referir-se a ele, designa-o com a palavra referente à instituição pública que presta o serviço. *Correio* e *carteiro* pertencem ao mesmo domínio conceptual: serviço de mensagens postais. O uso do termo que designa o primeiro – *correio* – para identificar o segundo – *carteiro* – baseia-se na proximidade ou contigüidade – e não numa semelhança – conceitual entre os dois. Trata-se de um típico exemplo de metonímia. Enquanto a metáfora requer a associação de dois domínios inteiros distintos, a metonímia opera a associação entre elementos do mesmo domínio. Outros exemplos: *Após a festa, guardou os cristais de novo na caixa*, *O Brasil é pentacampeão de futebol*, *Bota aí outra dose da purinha*. *Cristais* designa copos, taças e cálices feitos de cristal; *Brasil* nomeia o time de futebol que representa o Brasil; *purinha* rotula a bebida (= cachaça) por meio de uma de suas qualidades.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 457.

Tratando-se da metonímia, conforme exposto na figura 8, Azeredo (2018) a denomina através do exemplo do “correio/carteiro” a fim de diferenciá-la da metáfora. Expondo a sentença “Seu Antônio, o correio já veio hoje?”, fica compreensível que a pessoa se refere ao trabalhador da empresa e não propriamente a empresa que irá até o endereço. Os termos “correio”, “carteiro” e “correspondência” possuem semelhanças, tratando-se do mesmo domínio conceptual.

Dessa forma, a utilização da metáfora no cotidiano das pessoas é mais rotineiro do que parece, seja utilizando características animais ou utilizando certos exageros para intensificar algum enunciado. Além disso, a metonímia também é explicada na gramática, expondo que, por muitas vezes, utiliza-se formas de falar ou escrever que não seguem a norma-padrão à risca, porém, considerando os contextos de fala, a comunicação e o sentido do que se quer comunicar é estabelecido.

Então, Azeredo (2018) define a metáfora como a associação de dois domínios distintos e a metonímia como associação entre dois elementos do mesmo domínio. Henriques (2011) alinha-se à distinção realizada por Azeredo (2018), expondo a metonímia semelhante à metáfora ao revelar um enunciado impertinente, porém, ela substitui um outro significante não por conta de algum atributo real ou criado que os una, mas por conta de uma semelhança semântica literal.

Prosseguindo, será analisado o excerto que trata sobre o conceito de ambigüidade inerente.

Figura 9 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: ambiguidade inerente

19.2.10 Ambiguidade inerente

O uso da linguagem no plano da realidade é perpassado por variáveis próprias do cotidiano, que determinam a necessidade de economia, de rapidez, aliadas à eficácia comunicativa. Assim, no dia a dia, muitas vezes o enunciador seleciona uma palavra ou uma construção que trará ambiguidade para sua frase, se analisada com rigor; mas, se essa ambiguidade não chegar a comprometer o trato comunicativo, em função de elementos contextuais que o destinatário possa usar para desfazê-la, não haverá truncamento da mensagem nem prejuízo à comunicação. É usada uma palavra ou expressão 'algo parecida' com o que efetivamente se desejaria dizer ou, em outros termos, um quase sinônimo (*something-like principle*, de Bolinger, 1968/1975). Vejamos um exemplo: ao pedir a alguém que *desligue o feijão*, uma dona de

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 472.

Já o tópico 19.2.10 (figura 9) aborda sobre a ambiguidade inerente, que nada mais é do que a ambiguidade que não traz prejuízo à comunicação. Há diversas sentenças que podemos considerar ambíguas tratando-se de sua construção, porém, ao considerar o contexto, não há comprometimento no entendimento. Azeredo (2018) exemplifica com a frase “desligue o feijão” em que qualquer indivíduo consegue entender que se trata de desligar a chama do fogão, porém, de acordo com a norma-padrão, a construção não está objetiva. Portanto, é um assunto muito pertinente a ser estudado e aprofundado, pois existem diversas construções de enunciados que o trato comunicativo não é afetado, apesar de não estarem adequados à norma-padrão.

Desse modo, ao observar a maneira como a ambiguidade é inserida na gramática e ao observar a presença do aspecto “valor semântico”, ficam evidentes as perspectivas teóricas gramaticais presentes na obra. Ao observar a utilização que um termo lexical possui em uma sentença, ao determinar se esse termo pode ser positivo, negativo ou neutro, dependendo do contexto do falante ou de um período histórico, esclarece o caráter funcionalista na gramática Houaiss de basear-se na imagem do discurso sem deixar de lado a consistência da gramática como um sistema.

Figura 10 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: relações entre significados

19.3.1 O geral e o específico

Quando ignoramos o traço que distingue semanticamente dois significados, nossa opção é unificá-los sob uma designação abrangente. Assim é que aos atos de *caminhar* e *passar* chamamos genericamente *andar* e aos objetos conhecidos como *martelo* e *serrote* chamamos genericamente *ferramenta*. *Ferramenta* e *andar* são termos gerais; *martelo*, *serrote*, *caminhar* e *passar* são termos específicos. O significado de *ferramenta* é um componente semântico genérico dos significados de *martelo* e *serrote*, assim como o significado de *andar* é um componente semântico genérico dos significados de *caminhar* e *passar*. Na descrição das relações lexicais, adotam-se os conceitos de conjunto e subconjunto e diz-se que o termo geral é um **hiperônimo** dos termos específicos, e que estes são **hipônimos** do termo geral. Os termos específicos, por sua vez, são **co-hipônimos** um do outro. A estruturação do léxico em termos de hipônimos e hiperônimos é uma propriedade fortemente presente nas linguagens técnicas e científicas, caracterizadas pelo uso ostensivo de terminologias classificatórias. Na língua corrente, especialmente a usada na conversação mais espontânea, os termos genéricos têm uma amplitude ainda mais elástica que os hiperônimos propriamente ditos, haja vista a frequência de termos como *coisa*, *parte*, *negócio* etc. A técnica da definição inclui largo uso de hiperônimos, como se comprova nos dicionários (*ato ou ação de*, *animal da família dos*, *qualidade ou condição de*). Pode haver relações de sentido variadas, tanto entre hipônimos quanto entre hiperônimos, entre as quais se destacam a **sinonímia** e a **antonímia**.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 474.

Iniciando o tópico “Relações entre significados” como as palavras “competem” a preferência do enunciador, cada uma com seu traço básico de sentido e cada traço é determinante semanticamente para significar algo. No excerto acima, são expostos os termos gerais e os termos específicos (hiperônimo e hipônimos), exemplificando o primeiro com os termos “ferramenta e andar” e os termos específicos são exemplificados como (martelo, serrote, caminhar e passear). Dentre as relações de sentido entre hipônimos e hiperônimos, destacam-se a sinonímia e a antonímia.

Figura 11 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: sinonímia

19.3.2 Sinonímia

A relação de sobreposição de espectros semânticos resulta, sobretudo, na relação de **sinonímia**. Para o senso comum, chamam-se sinônimas duas ou mais formas da língua que codificam a mesma informação, como os ver-

bos *esconder* e *ocultar* em: *Ele **escondia** sua verdadeira identidade* e *Ele **ocultava** sua verdadeira identidade*. Os semanticistas costumam enfatizar que, por mais que a troca de uma palavra por outra mantenha inalterada a informação, é inadmissível a existência de sinônimos perfeitos. Sempre haverá entre os sinônimos algum traço que os diferencie e impeça que um ocupe o lugar do outro em todas as ocorrências de ambos. A esse respeito, é interessante a seguinte reflexão de Rubem Alves: “Quem fala ‘retrato’ já confessou a idade. É velho. Hoje se diz ‘foto’. Segundo o *Aurélio* as duas palavras são sinônimas. Não são. Os dicionários frequentemente se enganam. ‘Retrato’ e ‘foto’ são habitantes de mundos que não se tocam”¹⁰².

De fato, o que garante a sobrevivência dos sinônimos na língua é justamente a possibilidade de exprimirem conteúdos diferentes, por mais sutil que seja esta diferença. A sinonímia é, portanto, um fenômeno que deve ser descrito preferencialmente em função da variação linguística. Muitos sinônimos são variantes regionais e outros são variantes etárias. Distinguiremos quatro subtipos de sinônimos: (a) variantes regionais ou geográficas, (b) variantes estilísticas ou discursivas, (c) variantes psicológicas ou expressivas, e (d) variantes etárias ou históricas.

Reprodução autorizada

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 474-475.

Azeredo (2018, p. 474) define sinonímia como “a relação de sobreposição de espectros semânticos” e mais popularmente como “duas ou mais formas da língua que codificam a mesma informação”. Assim, o autor enfatiza que apesar de, na maior parte dos casos, a informação a ser repassada não ser alterada, não existem sinônimos perfeitos. Tal explicação se confirma quando Cançado (2008) afirma que a maior parte dos casos de substituição por sinonímia estão baseadas no significado conceitual apenas, não sendo considerados o estilo, as associações sociais ou dialetais.

Considerando tal complexidade, para Cruse (1986), conforme Cançado (2008, p. 42), o conceito de sinônimos perfeitos deveria ser substituído por sinonímia gradual considerando que as palavras sempre sofrem alguma modificação de sentido ou de uso ao serem substituídas. Ilari e Geraldi (1987) consideram que palavras são sinônimas quando há contribuição para um sentido global das orações. Portanto, não há sinônimos perfeitos, mas há palavras que substituem outras cumprindo o repasse da mesma informação de forma geral.

Em seguida, Azeredo (2018) classifica a sinonímia em quatro subtipos, são eles: variantes regionais ou geográficas; variantes estilísticas ou discursivas; variantes psicológicas ou expressivas e variantes etárias ou históricas. De fato, os quatro tipos são significativos, já que com a extensão do Brasil, algo pode ser sinônimo no Sul e no Norte, as pessoas nem saibam do que tal palavra se tratam os fatores estilísticos, cada grupo social possui uma maneira de se expressar e suas particularidades na atividade discursiva. As variantes psicológicas/expressivas demonstram o nível afetivo e a intenção, o sentimento que o enunciador quer transmitir. Já as variantes históricas revelam que a língua muda no decorrer do tempo e assim, revela o fator da diferença da idade/geração.

Desse modo, a gramática expõe um aprofundamento sobre a sinonímia, esclarecendo fatores que vão além da definição usual de palavras que substituem a outra. Além disso, no tópico da sinonímia também leva em consideração a variação geográfica, em que podemos ter sinônimos adequados para uma área geográfica, que em outra, não faria sentido, expondo outra vez seu caráter funcionalista ao relacionar o processo gramatical à interação social.

Figura 12 - Imagem retirada da Gramática Houaiss: antonímia

19.3.3 Antonímia

Os opostos estão por toda parte, segundo categorias em que situamos as experiências do cotidiano: *dia e noite, frio e calor, verdade e mentira, vício e virtude, verde e maduro, rico e pobre, grande e pequeno*. Eles são os limites referenciais idealmente específicos ou precisos em que nos apoiamos para atribuir sentido ao meio-termo, àquela zona de nossa experiência em que as coisas geralmente carecem de designação ou mesmo de definição. A língua lexicaliza ostensivamente nossa experiência dos opostos, mas tende a deixar sem expressões específicas as zonas intermediárias, que quase sempre conceptualizamos, genericamente, pelo recurso ao adjetivo 'normal' ou aos circunlóquios *nem uma coisa nem outra, mais ou menos* etc. Isto explica a extraordinária variedade de formas para exprimir conceitos consensualmente contrários: *sorte/azar, feio/bonito, ganhar/perder, subir/descer, longe/perto, dormir/acordar, limpo/sujo, rico/pobre, cheio/vazio, preto/branco, duro/mole, doce/amargo, doce/salgado, doce/azedo*.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 478-479.

Seguindo para o último tópico do capítulo, Azeredo (2018) inicialmente trata a antonímia como oposto e utiliza exemplos do dia a dia para expor essa relação

(dia/noite, frio/calor), conforme exposto na figura 12. Porém, o autor explica que, normalmente, para procurar um antônimo, busca-se opostos radicais e na verdade a antonímia depende de um contexto para a substituição de um traço semântico relevante pelo seu contrário. Assim, segundo o autor, para que ocorra uma substituição antônima, é preciso que tenha se compartilhado algum traço semântico para que exista também uma relação contrastiva entre os termos.

Nesse sentido, Ilari e Geraldi (1987) explicam tal afirmação da relação entre termos antônimos com os exemplos “nascer” e “morrer” em que se mantém a ligação do processo de viver, no primeiro verbo, alguém começa a viver e no segundo, alguém termina de viver. Em outro exemplo dos autores, “partir” e “chegar” exprimem a ideia de quem parte, começa a viajar e quem chega, termina a viagem. Portanto, entende-se que mesmo sendo opostos, os termos antônimos necessitam estabelecer uma ligação entre si.

Azeredo (2018) observa que nem todos os casos que possuem um contraste podem ser antônimos e utiliza o exemplo de navio e avião que apesar de participarem do campo semântico “meios de transporte”, não há na realidade objetiva relação de oposição entre os elementos apesar de contrastarem-se. Ademais, o autor enfatiza a importância do contexto na identificação da antonímia, podendo alterar as relações semânticas e desencadear no desaparecimento das relações de oposição.

Em conformidade, Henriques (2011) também expõe a necessidade de observar os jogos de sentido dos textos, analisando os contextos e até em situações específicas em usos de expressões, considerando que a língua dá oportunidade de qualquer pessoa criar e improvisar sentenças que podem dificultar a categorização dos processos. Tendo em vista isso, Azeredo (2018) dedica um parágrafo para abordar tal assunto, como pode ser observado na figura 13, a seguir:

Figura 13

Percebe-se, então, que os estudos acerca da sinonímia e da antonímia não podem ater-se, em absoluto, a um catálogo ou listagem, mas devem se desenvolver nos contextos, observando os ingredientes semânticos em suas relações de sobreposição e de oposição e seus desdobramentos sobre a construção dos significados.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018. P. 480.

Portanto, uma orientação sobre a maneira de estudar tais processos semânticos, neste caso a sinonímia e antonímia, rompendo com a ideia de que os estudos destes processos em gramáticas precisam manter o foco na memorização, é rompido por Azeredo (2018) que explica e exemplifica os processos considerando as contextualizações, aproximando-se aos usos da língua.

Na análise realizada, a gramática trouxe conceituações sobre polissemia, homonímia, metáfora, metonímia, ambiguidade inerente, sinonímia e antonímia e realiza uma descrição do funcionamento da língua, principalmente por tratar os processos semânticos considerando os usos da linguagem, sem deixar de lado a língua como um sistema.

Além disso, na gramática pode-se observar uma linguagem de fácil acesso, mesmo aprofundando nos aspectos semânticos e trazendo conceitos aprofundados, a leitura acontece de forma fluente e compreensível, abrangendo os conteúdos de forma interligada entre si, além de sempre apresentar exemplos que fazem parte do dia a dia dos indivíduos. Assim, os processos semânticos que estão expostos na gramática Houaiss estão de acordo com alguns autores da área da semântica: Cançado (2008); Henriques (2011); Ilari e Geraldi (1987); Borba (2005), dentre outros, em questão de conceituações e na forma de abordar esses processos, colocando os contextos de produção como fator de relevância para o estudo do significado.

Dessa forma, observa-se que a gramática Houaiss está alinhada à algumas concepções de gramáticas, englobando princípios do Estruturalismo, do Funcionalismo, da Linguística Textual, da Sociolinguística, dentre outros, ao considerar os usos da língua, ultrapassar o estudo ao nível da frase, analisar textos, diálogos e sobretudo, considerar o falante, sua criatividade e capacidade de adaptar o discurso nos contextos de comunicação. Apesar de na gramática serem observados um conjunto de procedimentos para produzir significados em situações reais da comunicação, não é deixado de lado a estrutura e engloba a morfologia, a sintaxe, a fonologia, a semântica, as práticas sociais e cognitivas que envolvem o discurso como um sistema complexo a ser estudado conjuntamente.

Ademais, Azeredo (2018) em sua gramática explora os valores significativos das unidades lexicais relacionando-os às concepções de significados que os indivíduos possuem cognitivamente. Também enfatiza como as propriedades semânticas dos itens lexicais tem impacto na sintaxe, esclarecendo a importância do estudo dos processos semânticos mencionados na análise, pois conhecendo o

significado codificado das palavras, pode-se entender o enunciado por completo e assim, interpretando o sentido global a ser produzido ou entendido.

Por fim, a Gramática torna-se um excelente material de consulta, principalmente para professores, pois não abandona o estudo da estrutura, mas abrange um conjunto de atividades comunicativas, sociais e cognitivas que envolvem a atividade discursiva, fazendo com que o discurso seja o analisado de maneira conjunta com o sistema da norma-padrão da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta como os processos semânticos são tratados na Gramática Houaiss, refletindo sobre quais abordagens teóricas são utilizadas para o seu desenvolvimento e se os aspectos semânticos presentes nesta gramática estão alinhados aos conceitos dos principais semanticistas brasileiros. Além disso, foram realizados estudos sobre as concepções de Gramática, do percurso do ensino da Gramática escolar no Brasil, das contribuições de Antônio Houaiss e José Carlos de Azeredo para os estudos linguísticos.

No que se refere a maneira que os processos semânticos são apresentados, Azeredo (2018) trouxe conceituações sobre polissemia, homonímia, metáfora, metonímia, ambiguidade, sinonímia e antonímia e esses processos semânticos são apresentados com uma linguagem clara e compreensível, apesar dos conceitos semânticos aprofundados, estabelecendo uma relação entre conteúdos, gerando fluidez aos estudos, além de possuir exemplos coerentes para cada termo.

Dessa forma, conclui-se que os conteúdos presentes na Gramática Houaiss estão alinhados às concepções dos principais semanticistas do Brasil – Borba (2005); Cançado (2008, 2012); Guiraud (1986); Henriques (2011); Ilari e Geraldi (1987); ao considerar nos processos semânticos as práticas sociais e cognitivas que envolvem o discurso e ao permitir a reflexão sobre os sentidos e as intencionalidades que as palavras podem trazer para um texto. Assim, a sistematização da língua não é deixada de lado, porém, alinha-se ao estudo dos sentidos das palavras/sentenças, aproximando-se aos usos da língua.

Ademais, Azeredo (2018) preocupa-se com os sentidos e significações contextuais, sociais e cognitivas, considera as possíveis exceções que a língua possui e se alinha à diversas concepções de gramáticas, abrangendo princípios do Estruturalismo, do Funcionalismo, da Linguística Textual, da Sociolinguística, dentre outros. Dessa forma, percebe-se que língua possui uma função além da codificação e decodificação, ela é descrita de uma maneira funcional e os usos são considerados, estando presente em toda a gramática as questões de variações linguísticas.

Destarte, uma diversidade de gêneros textuais compõem a Gramática, havendo assim exemplos contextualizado dos conteúdos, textos, diálogos que realmente fazem parte do dia a dia dos falantes, considerando a criatividade e a adaptação do discurso em contextos comunicativos. Quanto a abordagem semântica,

a teoria utilizada é a da semântica lexical e é utilizada na gramática ao realizar um estudo da relação que as palavras possuem na língua, preocupando-se em relacionar a língua à cognição e aos processos mentais do falante, considerando esses processos como primordiais da linguagem humana e percebendo a capacidade que o falante possui de ver e interpretar o mundo a sua volta. Dessa forma, Azeredo em sua gramática explora os valores significativos das unidades lexicais relacionando-os às representações mentais com objetivo de decodificação de sentidos.

Portanto, tais processos serem inseridos dessa maneira na gramática a torna um material de apoio para professores inserirem tais perspectivas em suas aulas de Língua Portuguesa, permitindo além do aprendizado do sistema da norma-padrão, a possibilidade de perceber os aspectos semânticos que há por traz do sistema linguístico, abrangendo a morfologia, a sintaxe, a fonologia, a semântica, as práticas sociais e cognitivas que envolvem o discurso como um sistema complexo a ser estudado conjuntamente. Assim, capacita os estudantes a perceber os sentidos das diversas possíveis leituras que rodeiam o seu dia a dia, interpretá-las de maneira reflexiva, além de serem capazes de produzirem textos de maneira eficaz.

Dessa forma, conclui-se que a semântica ser inserida nas gramáticas é de extrema importância, ainda mais da maneira que é exposta na gramática Houaiss, pois une os conceitos que sistematizam a língua e não deixa de lado elementos internos (processos mentais) e externos (sociais, contextuais) que são relevantes para a produção de sentido de textos. Portanto, uma Gramática que abrange diversos aspectos como a Houaiss, pode ser considerada completa e qualificada para que os professores ao utilizá-la, possam contribuir para a formação de estudantes capazes de responder às demandas sociais de maneira reflexiva quanto aos recursos linguísticos de construção de sentido, compreendendo enunciados significativos em contextos reais de uso da língua.

Através da análise dos dados, conseguimos alcançar os objetivos propostos neste trabalho, posto que, esclareceu-se a maneira que os processos semânticos foram apresentados, assim como discutimos as propostas teóricas que Azeredo utilizou para abranger sua gramática. A importância de os processos estarem inseridos na Gramática Houaiss dessa maneira para a formação de indivíduos reflexivos também foi esclarecida, alcançando então, todos os objetivos propostos.

Nessa perspectiva, sugerimos como temática para futuros trabalhos uma continuação da reflexão da semântica lexical para o ensino básico (fundamental e

médio), realizando uma análise de metodologias inseridas em livros didáticos para tratar os processos semânticos, a fim de discutir quais as abordagens mais proveitosas. Por fim, acreditamos que por mais que a gramática Houaiss não seja destinada aos alunos do ensino básico, ela é um excelente material de apoio para professores, visto que realiza estudos sobre a Língua Portuguesa de maneira completa e serve como um incentivo a abordagem dos processos semânticos de maneira contextualizada em suas aulas.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia: Antônio Houaiss. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/antonio-houaiss/biografia>>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica*: Noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica*: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical*: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CRUZ, R. T. *A gramática gerativa na escola*: o pensar linguisticamente. Work. Pap. Linguíst. Florianópolis, v. 18, p. 111-128, ago./dez., 2017.
- DUARTE, L. J. A. *Ensino de gramática no Brasil*: aspectos históricos e contexto atual. Philologos, Rio de Janeiro, n. 79, p. 570-584, jan./abr., 2021.
- EDITORIAL, P. *Houaiss*: a norma-padrão escrita do português em uso no Brasil. Youtube, 12 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xmh8V7xutUc>>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- FILHO, A. A. L. *Antônio Houaiss*, o linguista e o filólogo. Rio de Janeiro: UERJ, s.d.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GENS, A. *Antônio Houaiss*: o editor crítico. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ05_23-33.html>. Acesso em: 18 de fev. de 2022.
- GUIRAUD, P. A Significação: o processo semântico. In: _____. *A Semântica*. 3. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1980.
- HENRIQUES, C. C. *Léxico e semântica*: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- ILARI, R. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. *Semântica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Biografia: Antônio Houaiss. Disponível em: <<http://www.iah.com.br/sp/index.php>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO. *Escavador*, 2022. Página inicial. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/2002683/jose-carlos-santos-de-azeredo>>. Acesso em: 31 de mar. de 2022.

LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*. São Paulo: Paulistana; Humanitas, 2007.

LINHARES, A. A. Gramática histórico-comparativa: contribuições para a formação de línguas modernas. *Verbum*, cadernos de pós-graduação, n. 7, p. 34-46, 2015.

MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de linguística*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Unesp, 2002.

NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola?* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. *Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções*: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. especial comemorativo, p. 595-621, nov., 2020.

POLGUÈRE, A. *Lexicologia e semântica lexical*: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, N. L. S.; DUARTE, M. S. M.; HOLANDA, K. A. P. *Estruturalismo, gerativismo e funcionalismo*: novas perspectivas para o ensino de gramática da língua portuguesa na escola, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/coneil/2020/ebook1/TRABALHO_COMP_LETO_EV144_MD2_SA100_ID549_31082020221531.pdf>. Acesso em: 07 out. 2022.

TUMELERO, N. *Pesquisa básica*: material completo, com exemplos e características, 2019. Disponível em: <<https://blog.mettzer.com/pesquisa-basica/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.